

Pupỹkary tywy, takarena, ãthu ykynypuku: meronímia e sua contribuição para o conhecimento e ensino da língua Apurinã (Aruák)

*Pupỹkary tywy, takarena, ãthu
ykynypuku: meronymy and the
knowledge and teaching of the
Apurinã language (Arawak)*

Marília Fernanda Pereira de FREITAS (UFPA)
mfpf@ufpa.br

Sidney da Silva FACUNDES (UFPA)
sidi@ufpa.br

Recebido em: 07 de set. de 2020.
Aceito em: 15 de out. de 2020.

FREITAS, Marília Fernanda Pereira de; FACUNDES, Sidney da Silva. Pupỹkary tywy, takarena, ãthu ykynypuku: meronímia e sua contribuição para o conhecimento e ensino da língua Apurinã (Aruák). **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 11, n. esp., p. 279-304, ago. 2021. DOI: 10.22168/2237-6321-10esp2073.

Resumo: Este trabalho examina o fenômeno da meronímia em Apurinã, isto é, processos semânticos envolvidos na expressão das relações parte/todo (CRUSE, 2011), assim como a aplicação desse conhecimento na elaboração de um livro digital ilustrado, a ser usado como instrumento didático-pedagógico para o ensino e fortalecimento da língua. A maioria dos merônimos em Apurinã é codificada como nomes inalienáveis, que diferem dos alienáveis em termos de seus padrões de marcação morfossintática (FREITAS, 2017), muito embora haja merônimos que são codificados como alienáveis, tais como algumas partes de plantas, por exemplo, *pi-txipuku-re* (2sg-fruta-possd) 'tua fruta' / *txipuku-ry* (fruta-n.possd). Dentre os inalienáveis, as partes do corpo, por exemplo, *ny-tapike* (1sg¹-perna.de²) 'minha perna' / *tapike-txi* (perna.de-n.possd) 'perna', formam não apenas uma classe semântica (juntamente com conceitos relacionados

¹ Abreviaturas usadas neste artigo: 1 = 1ª pessoa; 2 = 2ª pessoa; SG = singular; POSSD = possuído; N.POSSD = não possuído.

² Nomes inalienáveis em Apurinã são glosados desta maneira pelo fato de a posse fazer parte da entrada lexical de tais nomes.

ao corpo, ainda que metaforicamente), mas apresentam características morfossintáticas específicas, já que recebem o sufixo *-txi*, diferindo dos termos de parentesco, que jamais recebem tal marca, pela impossibilidade de ocorrerem não possuídos. Isso mostra que, no macro-domínio semântico dos merônimos na língua, há uma organização complexa, embora sistemática, em termos de seus diferentes padrões de marcação morfossintática. Dada tal complexidade, é importante que se tenha esse conhecimento organizado em um material didático-pedagógico que possa auxiliar no ensino da língua nas escolas Apurinã.

Palavras-chave: Meronímia. Apurinã. Lexicografia.

Abstract: This work deals with meronymy in Apurinã, that is, semantic processes involved in the expression of part/whole relationships (CRUSE, 2011), as well as the application of this knowledge in the making of an illustrated digital book, to be used as a didactic tool for the teaching and strengthening of the Apurinã language. Most meronyms in the language are encoded as inalienable nouns, which differ from alienable ones in terms of their morphosyntactic marking patterns (FREITAS, 2017), although there are meronyms that are encoded as alienable, such as some parts of plants, for example, *pi-txipuku-re* (2sg-fruit-possd) 'your fruit' / *txipuku-ry* (fruit-n.possd) 'fruit'. Among inalienable nouns, body parts (e.g. *ny-tapike* (1sg-leg.of) 'my leg' / *tapike-txi* (leg.of-n.possd) 'leg') form not only a semantic class that also includes concepts related to the body — literally or metaphorically, but they have specific morphosyntactic characteristics, such as the suffix *-txi*. Such a suffix does not occur with kinship terms, since the latter never occur unpossessed. This shows that, in the macro semantic domain of meronyms in the language, there is a complex organization, although systematic, in terms of their different patterns of morphosyntactic marking. Given this complexity, it is important to have this knowledge organized in a didactic material that can help in teaching the language in Apurinã schools.

Keywords: Meronymy. Apurinã. Lexicography.

Introdução

A língua indígena Apurinã (família Aruák), falada predominantemente ao longo de vários afluentes do rio Purus, no estado do Amazonas, já foi amplamente descrita por Facundes (1994 e 2000) e por integrantes de sua equipe de pesquisa (FREITAS, 2017; LIMA-PADOVANI, 2020, entre outros). Tal língua, atualmente, corre risco de extinção, pelo histórico de intenso contato com os não indígenas falantes do português, sendo que, em geral, apenas os mais velhos ainda a usam. Para evitar a perda da língua, fazem-se necessários não apenas mais estudos linguísticos descritivos que a registrem, mas também materiais didático-pedagógicos que auxiliem no ensino e fortalecimento dessa língua nas escolas Apurinã.

Nesse contexto, este artigo, amparado em estudos de cunho semântico (CRUSE, 2011) e morfossintático (KLEIN, 2000; FACUNDES, 2000 e FREITAS, 2017), busca caracterizar morfossintaticamente e semanticamente o complexo macrodomínio semântico dos merônimos

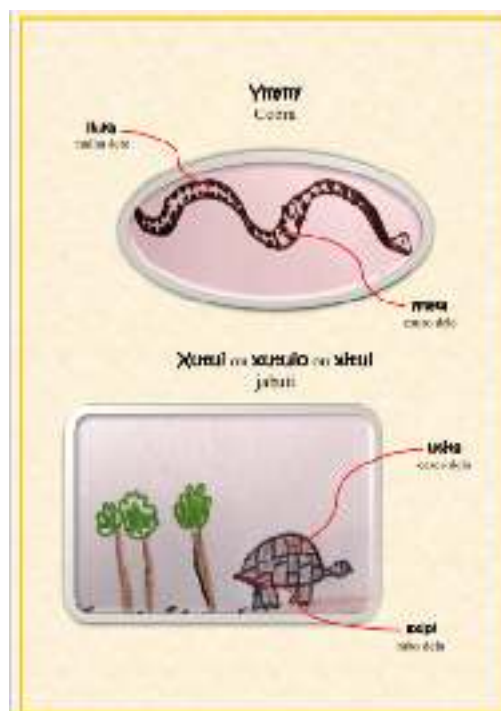
em Apurinã para, então, discorrer sobre a elaboração de um livro didático-pedagógico ilustrado voltado para o trabalho com merônimos na sala de aula Apurinã. A elaboração desse livro é motivada pelo fato de a língua carecer de um material acessível que sistematize a complexidade semântica, lexical e morfossintática do fenômeno meronímia e por que este pode auxiliar no ensino e fortalecimento da língua nas escolas Apurinã, tanto no domínio do vocabulário, quanto em relação a informações socioculturais lexicalmente codificadas nele.

Paratanto, fez-se, inicialmente, um levantamento bibliográfico, acerca de questões ligadas à relação semântica denominada meronímia. Em seguida, a partir dos trabalhos de Facundes (2000), Freitas (2017) e Lima-Padovani (2020)³, foram selecionados itens lexicais em Apurinã expressando a relação semântica meronímia, os quais foram analisados e, posteriormente, embasaram a elaboração de um livro ilustrado em formato de *e-book* cujo tema são os merônimos em Apurinã.

O livro resultante da pesquisa sobre merônimos é um material didático-pedagógico que tem como público-alvo crianças e jovens adultos Apurinã que frequentam as escolas indígenas nas comunidades apurinã. Embora esse produto resulte de pesquisa lexicológica e lexicográfica, ele não se encaixa nos moldes nem de um dicionário, nem de um glossário, tampouco de um vocabulário, como produtos lexicográficos definidos segundo parâmetros técnico-acadêmicos. Trata-se de um material ilustrado que, em sua macroestrutura, apresenta um conjunto de merônimos na língua, cada um com sua única acepção semântica enquanto merônimo, agrupados segundo seus holônimos, isto é, objetos, plantas, corpo humano, e corpo de outros animais. Ainda como parte dessa macroestrutura, cada seção de holônimo contém também a lista de palavras usadas e exercícios sobre os merônimos apresentados nessa seção. No lugar de uma microestrutura com um verbete contendo a entrada lexical e informações fonológicas, semânticas, gramaticais, de uso etc., há apenas a forma do merônimo, sua tradução em português e sua ilustração imagética como parte do seu holônimo, conforme figura a seguir:

³ Tanto os dados de Apurinã recolhidos pelos autores deste artigo, quanto aqueles dos demais autores consultados foram coletados em diversas visitas às comunidades Apurinã, ao longo de vários anos, de 2013 a 2019, sempre em colaboração com falantes nativos de diferentes comunidades Apurinã. Portanto, os dados da pesquisa são representativos das variedades dialetais do Médio Alto, Médio Baixo, e do Baixo Purus.

Figura 1 – Amostra do vocabulário ilustrado



Fonte: Freitas *et al.* (no prelo).

Nas seções que seguem, inicialmente, será descrita a relação semântica meronímia, em seguida, serão discutidos os conceitos de inalienabilidade e alienabilidade, além das principais características morfofossintáticas e semânticas dos merônimos em Apurinã. Após isso, apresenta-se a estrutura e conteúdo do livro ilustrado de merônimos da língua em questão e sua importância para a valorização e fortalecimento da língua Apurinã.

Sobre o conceito de meronímia e sua relação com a (in)alienabilidade

A meronímia (ou partonímia), segundo Cruse (2011, p. 137, *tradução nossa*), corresponde a uma relação semântica de inclusão, “a qual é o reflexo conceitual da relação parte-todo entre referentes individuais”⁴, tal como se vê nos pares mão/dedo, telescópio/lente, árvore/galho, em que os termos da direita da barra inclinada correspondem à parte (merônimo), enquanto que os da esquerda correspondem ao todo (holônimo).

Segundo Cruse (2011), a meronímia apresenta fronteiras menos claras que a hiponímia (relação que expressa o membro, o exemplar de uma classe), de modo que os falantes, em geral, têm dúvidas ou

⁴ “[...] which is the conceptual reflex of the part-whole relation between individual referents”.

discordância ao classificar certos elementos como sendo ou não partes de um todo, julgamento este que sofre interferência de questões contextuais. Por exemplo, alguns podem ter dúvidas ao dizer se uma tampa é parte de uma panela, mas é mais provável que o digam se tal tampa for necessária ao bom funcionamento da panela (como uma panela de pressão ou uma pipoqueira, por exemplo, diferentemente de uma panquequeira).

Cruse (2011) enumera certos traços (em termos prototípicos, não absolutos) caracterizadores da meronímia:

- i) necessidade: algumas partes são necessárias ao seu todo, merônimos mais prototípicos se referem àqueles que são necessários a seus holônimos;
- ii) integracionalidade: merônimos mais prototípicos são mais integrados a seus holônimos, mais “presos”;
- iii) discrição [*discreteness*]: quanto mais visivelmente percebível como algo “individualizado” uma parte for, mais claramente será percebida como um merônimo, por exemplo, um dedo com relação à mão;
- iv) motivação: em geral, uma parte prototípica tende a ter alguma função clara, com relação a seu todo, por exemplo, uma alça de xícara serve para segurá-la, uma hélice de ventilador serve para canalizar o vento etc.;
- v) congruência: composta por três traços: a) alcance [*range*]: merônimos, prototipicamente, têm um “alcance de generalidade” menos amplo que holônimos (mas há merônimos gerais também, que podem se referir a partes de todos diferentes, por exemplo, ‘cabo’, que se aplica à alicate, panela, machado, etc.). Merônimos mais prototípicos têm “congruência de alcance” (CRUSE, 2011, p. 139), isto é, são partes específicas de um certo todo, “alcançam” um holônimo específico, por exemplo, ‘unha’, com relação a ‘dedo’; b) fase: prototipicamente, partes e seus respectivos todos existem ao mesmo tempo, apresentam “congruência de fase”; c) tipo: partes e seus todos, prototipicamente, têm uma natureza comum, ou seja, se um todo é uma ‘coisa’ ou ‘substância’ ou ‘evento’ etc., sua parte também o será.

Discutido o conceito de meronímia, outro conceito implicado em sua compreensão é o de posse, já que nos casos de meronímia subjaz a ideia de que uma dada parte “pertence” a um todo. Stassen (2009) afirma que a posse é uma noção relativamente difícil de se definir explicitamente. Em termos semânticos, a posse necessariamente corresponde a uma relação envolvendo duas entidades, o possuidor e o item possuído, tal como em “tela do computador” e “dedo do pé”; ambos são casos de meronímia, em que as partes “tela” e “dedo” correspondem a itens possuídos, enquanto que os holônimos “computador” e “pé”⁵ desempenham o papel de possuidores.

Uma questão necessária à compreensão do fenômeno da posse diz respeito à distinção inalienável/alienável, que também é relevante para a compreensão de relações parte/todo. De acordo com Stassen (2009), em linhas muito gerais, na posse alienável a relação entre possuidor e possuído não é indissolúvel ou inerente, sendo este o caso canônico de posse, como em “livro da Ana”, “ímã da geladeira”, “bateria do celular”. Nesses exemplos, o possuidor “Ana” pode transferir o item possuído “livro” para outro dono; o “ímã” pode ser retirado da “geladeira” para ser colocado em um quadro magnético; a “bateria” do “celular” pode ser trocada. Ou seja, nos três casos, a relação de posse não é absolutamente intrínseca aos respectivos possuidores, pois tal relação pode ser desfeita. Note-se que, dentre os exemplos citados, apenas “bateria do celular” pode ser considerado um caso de meronímia, já que o “livro” não faz parte de “Ana”; o “ímã” não é parte inerente da “geladeira”; mas a “bateria” é parte integrante do “celular”.

Já a posse inalienável se refere, em termos prototípicos, a relações de posse envolvendo partes do corpo e termos de parentesco, mas incluindo, em algumas línguas, relações parte-todo, relações sociais, objetos da cultura material ou os agentes ou pacientes de uma ação, ou seja, a relação de posse inalienável, prototipicamente, é indissolúvel (STASSEN, 2009). Em “mãe do Marcos” e “ponta da língua”, por exemplo, “Marcos” não pode se desfazer do laço consanguíneo que estabelece com sua “mãe” e, em circunstâncias normais, não se pode abrir mão de uma parte do corpo. Em ambos os exemplos temos casos de meronímia, uma vez que as relações de parentesco pressupõem o pertencimento a uma família da qual se faz parte e os membros necessariamente pertencem a um corpo. Há de se deixar claro, entretanto, que certos nomes codificados

⁵ Tendo como referência o “corpo”, “pé” seria um merônimo; já “pé” na construção “dedo do pé” corresponde a um holônimo do merônimo “dedo”.

linguisticamente como inalienáveis expressam conceitos em que a ideia de posse indissolúvel não se aplica. Em Apurinã, por exemplo, temos *nhi-thapu* (1sg-arco.de) ‘meu arco’ e *nhi-xiripi* (1sg-flecha.de) ‘minha flecha’ nomes que, embora marcados como inalienáveis, correspondem a objetos cuja posse, em termos nocionais, não é inerente. Assim, a definição da noção de inalienabilidade não é categórica, mas sim escalar.

Após a definição dos conceitos de meronímia, posse e (in) alienabilidade utilizados neste trabalho, resta examinar a relação entre eles e como essa relação semântica é expressa efetivamente nas línguas. Após um levantamento preliminar acerca do assunto, percebeu-se a ausência de estudos aprofundados sobre meronímia em línguas indígenas brasileiras ou mesmo sul-americanas. De fato, o único estudo atestado sobre o assunto foi o de Klein (2000), baseado em uma pesquisa de natureza tipológico-comparativa. Nele, a autora discute sobre o fenômeno da meronímia em certas línguas indígenas da América do Sul.

A autora afirma que relações parte/todo são bastante complexas, havendo diferentes tipos, cada uma tendo propriedades semânticas específicas. Klein (2000) cita alguns exemplos desses diferentes tipos: componente/objeto (‘parede’ com relação à ‘casa’); porção/massa (‘pedaço’ com relação à ‘torta’). A autora esclarece que relações meronímicas envolvendo porção/massa são denominadas homeomerônimas, isto é, um ‘pedaço’, essencialmente, se refere a uma amostra de algo homogêneo, uniforme, e não necessariamente à parte de um todo. Em outras palavras, um ‘pedaço de pudim’, por exemplo, só é percebido como ‘pedaço’ depois de ser cortado do pudim. Nos termos de Cruse (2011), este seria um caso menos prototípico de meronímia, uma vez que o traço “discrição” seria menos perceptível, no caso dos homeomerônimos.

Em seu estudo, envolvendo dezoito línguas indígenas da América do Sul, faladas na Argentina, Chile, Paraguai, Brasil, Colômbia, Venezuela e Peru, a autora enumera os diferentes expedientes morfosintáticos utilizados para codificar as relações parte/todo nessas línguas. Aqui, focalizaremos apenas dois desses expedientes, a posse e a distinção inalienável/alienável, os quais são relevantes para a compreensão do que ocorre em Apurinã, em termos de meronímia.

Ao discutir sobre as construções de posse, considerando as línguas pesquisadas, a autora afirma que:

Provavelmente, o mecanismo mais frequentemente utilizado para marcar a distinção [*meronímia*] [...] é por meio de construções possessivas. De fato, de acordo com Wierzbicka (1996, p.61), o conceito de ‘parte’ subjaz nas construções possessivas, o que significa que a ‘posse’ é um conceito gramatical que não tem conteúdo semântico constante⁶ (KLEIN, 2000, p.84, *tradução nossa*).

Assim, Klein (2000) enumera diversos exemplos, em diferentes línguas de distintas famílias, em que a posse codifica relações meronímicas. Para mencionar apenas um exemplo, vejamos o caso da língua Toba (Família Guaicurú), em que as relações meronímicas são expressas em construções de posse pela ordem dos nomes, sendo que o primeiro se refere ao possuidor e o segundo ao item possuído, conforme exemplos (KLEIN, 2000, p. 85):

- (1) pe lawe
 área.óssea.acima.do.olho cabelo
 ‘sobrancelha’

- (2) pan layi
 pão pedaço
 ‘pedaço de pão’

A autora destaca que tanto os merônimos que expressam a relação componente/objeto quanto aqueles que designam uma porção de uma massa (homeomerônimos) são codificados da mesma forma em Toba, isto é, pela justaposição de um possuidor seguido do nome possuído.

Klein (2000) afirma que, em várias das línguas pesquisadas,

[...] a relação parte/todo é expressa entre possuidor e possuído. O possuidor é usualmente também traduzido como equivalente ao ‘todo’, enquanto que o possuído é usualmente traduzido como equivalente à ‘parte’. O que é interessante é que, sintaticamente, em algumas línguas, o ‘todo’ precede a ‘parte’, enquanto que em outras a ‘parte’ precede o ‘todo’. Também parece que essa ordem sintática é comum às línguas de uma mesma família⁷ (KLEIN, 2000, p. 88, *tradução nossa*).

⁶ Probably the most often utilized mechanism for making the distinction, however, is through possessive constructions. In fact, according to Wierzbicka (1996:61), the concept of 'part' underlies possessive constructions, which means that 'possession' is a grammatical concept which has no constant semantic content.

⁷ “[...] the whole-part relation is expressed between possessor and possessed. The possessor is usually also translated as equivalent to ‘whole’, whereas the possessed is usually translated as equivalent to ‘part.’ What is interesting, is that syntactically in some languages the ‘whole’ precedes the ‘part’, while in others the ‘part’ precedes the ‘whole.’ It also seems that this syntactic order is common to languages of a family”.

Outra questão relevante para a compreensão da meronímia nas línguas indígenas investigadas pela autora diz respeito à distinção inalienável/alienável. De modo geral, conforme Klein (2000), nomes alienáveis não são necessariamente possuídos, enquanto que os inalienáveis são obrigatoriamente possuídos, em termos semânticos⁸. Tais conceitos estão ligados às relações parte/todo, uma vez que a posse inalienável, frequentemente, ocorre na expressão das partes do corpo humano, por exemplo, enquanto que a posse alienável é uma combinação da noção de “parte” mais uma relação parte/todo não inerente (WIERZBICKA, 1996, p. 61 *apud* KLEIN, 2000, p. 89).

Klein (2000) cita a língua Mataco (Família Mataguaio), em que partes de um todo são tratadas como inalienáveis (assim como termos de parentesco e objetos manufaturados), enquanto que elementos da natureza, animais e plantas, objetos mais distantes, empréstimos, seres humanos com os quais não se tenham relações de parentesco são considerados alienáveis. Abaixo, seguem exemplos dessa língua (HUNT, 1940 *apud* KLEIN, 2000, p. 89):

(3) kwe cho
mão fundo
‘palma da mão’

(4) pa cho
pé fundo
‘sola do pé’

Após as considerações feitas nesta seção, passa-se ao caso específico da língua Apurinã, em termos de como as relações parte/todo, a (in)alienabilidade e a posse se relacionam, o que será objeto da próxima seção.

Merónímia em Apurinã: posse e (in)alienabilidade em relações parte/todo

Em Apurinã, os merônimos apresentam características morfossintáticas específicas, a depender da classe de nomes a que pertencem. Os nomes em Apurinã foram objeto de diferentes propostas de classificação (FACUNDES, 1995 e 2000; BRANDÃO, 2006; FREITAS,

⁸ A maneira como as línguas marcam morfossintaticamente a distinção alienável/ inalienável é definida no interior de cada sistema linguístico, o que é algo distinto da noção semântica de (in)alienabilidade.

2017), sendo que, na proposta atual, dividem-se em três principais classes: inalienáveis, alienáveis e nomes não possuíveis⁹, classificação feita não só com base nos padrões de marcação morfológica (como proposto por FACUNDES, 2000), mas também com base em sua frequência de ocorrência em construções de posse, em dados textuais, além de outros parâmetros de ordem pragmática e semântica (FREITAS, 2017). Aqui, apenas apontaremos brevemente a distinção inalienável vs. alienável, relevante para a compreensão de aspectos morfossintáticos e semânticos dos merônimos em Apurinã.

Os nomes inalienáveis são obrigatoriamente possuídos (a posse obrigatória faz parte da entrada lexical deles), não marcados em construções de posse (não recebem sufixo marcador de posse) e ocorrem mais frequentemente possuídos do que não possuídos em textos. Há duas subclasses diferentes de inalienáveis: a) nomes cuja posse obrigatória pode ser “suspensa” pelo acréscimo do sufixo de não posse *-txi*, semanticamente incluindo partes do corpo e conceitos relacionados (literal ou metaforicamente) ao corpo e alguns conceitos abstratos; e b) nomes que não ocorrem com *-txi*, pela impossibilidade de ocorrerem sem um possuidor, representados exclusivamente pelos termos de parentesco. Vejam-se os exemplos:

- | | |
|---|--|
| (5) a. ny-tapike
1SG-perna.de
'minha perna' | b. tapike-txi
perna.de-N.POSSD
'perna (não se sabe de quem)' |
| (6) a. y-kanuke
3SG-braço.de
'braço dele' | b. kanuke-txi
braço.de-N.POSSD
'braço (não se sabe de quem)' |
| (7) a. n-yry
1SG-pai.de
'meu pai' | b. *yry-txi
pai.de-N.POSSD
(pai, não se sabe de quem) |

Acima, (5) e (6) são merônimos referentes a partes do corpo, enquanto que (7) é um merônimo relativo a uma parte da família. Comparando-se os dois primeiros exemplos com o terceiro, vê-se, em (7a) *nyry* 'meu pai', que o termo de parentesco é usado na forma

⁹ Os nomes não possuíveis em Apurinã são aqueles que não ocorrem em construções de posse, ou seja, a noção de (in)alienabilidade não se aplica a tais nomes. Semanticamente, se referem a nomes próprios e termos genéricos que designam a denominação de grupos étnicos, além de palavras como *kãkiti* 'gente'.

possuída, enquanto que, em (7b), o mesmo termo de parentesco não pode ser usado se o seu possuidor não existe. Portanto, o termo para ‘pai’ pertence a um subconjunto dos nomes inalienáveis diferente do subconjunto a que pertencem (5) e (6); já estes dois últimos podem ocorrer com o sufixo de não posse *-txi* e, portanto, sem a presença de seus possuidores.

Já os nomes alienáveis são aqueles cuja posse é opcional, sendo marcados por um conjunto de sufixos, *-re₁*¹⁰, *-te*, *-ne*, *-re₂*, e ocorrem mais frequentemente não possuídos do que possuídos, conforme Freitas (2017). Estes subdividem-se em: a) nomes marcados apenas na forma possuída por *-te*, *-ne* e *-re₁*; e b) nomes marcados tanto na forma possuída (por *-re₂*) quanto na forma não possuída (por *-ry*). A escolha entre os sufixos *-re₁*, *-te*, *-ne* e *-re₂* é condicionada lexicalmente, cada um deles ocorrendo com um subconjunto de nomes alienáveis, muito embora haja subgeneralizações de ordem semântica, pragmática e morfossintática que interferem na escolha entre um e outro (FREITAS, 2017). Vejamos alguns exemplos.

- | | |
|--|---|
| (8) a. <i>ãatxapata</i>
forquilha
‘forquilha’ | b. <i>ny-ãatxapata-re₁</i>
1SG-forquilha-POSSD
‘minha forquilha’ |
| (9) a. <i>paraky</i>
cartucho (de espingarda)
‘cartucho’ | b. <i>ny-paraky-te</i>
1SG-cartucho-POSSD
‘meu cartucho’ |
| (10) a. <i>xirĩka</i>
látex, seringa
‘látex’ | b. <i>nhi¹¹-xirĩka-ne</i>
1SG-látex, seringa-POSSD
‘meu látex’ |
| (11) a. <i>kawy-ry</i>
pupunha-N.POSD
‘pupunha’ | b. <i>ny-kawy-re₂</i>
1SG-pupunha-POSSD
‘minha pupunha’ |

Nos exemplos de (8) até (10), temos, respectivamente, *ãatxapata* ‘forquilha’ (parte da árvore), *paraky* ‘cartucho’ (parte da

¹⁰ Os números subscritos em *-re₁* e *-re₂* decorrem do fato de que, embora sincronicamente tais sufixos apresentem a mesma forma, diacronicamente têm origens diferentes, conforme reconstrução feita por Payne (1991).

¹¹ A forma pronominal proclítica *ny-* sofre variação fonologicamente condicionada, em que *ny-* passa a *nhi-* diante de segmento palatal.

espingarda) e *xirĩka* ‘látex, seringa’ (parte da seringueira), exemplos de merônimos classificados como alienáveis que são marcados apenas na forma possuída. Já em (11), temos *kawyry* ‘pupunha’ (parte da pupunheira), exemplo de merônimo que pertence ao subconjunto de alienáveis marcados tanto na forma possuída quanto na forma não possuída.

Em Apurinã, a maioria dos merônimos se inscreve na classe dos nomes inalienáveis, sendo poucos os casos em que elementos dessa classe semântica são codificados como alienáveis. Por exemplo, o nome *ãatxapata* se refere a um galho de árvore em forma de forquilha (em que *ãa-* é uma forma classificatória genérica para conceitos relacionados a *ãamyna* ‘árvore’), literalmente significando ‘forquilha da árvore’, nome inalienavelmente possuído. Em um contexto pragmático em que se corta uma forquilha da árvore para uso pessoal, pode-se dizer ‘minha forquilha (da árvore)’, mas, nesse caso, a posse é marcada alienavelmente.

De modo geral, o fenômeno da meronímia em Apurinã se aproxima do que Klein (2000) apresenta, à medida que, tal como visto em parte das línguas investigadas pela autora, tanto a posse quanto a (in)alienabilidade são expedientes semânticos e morfossintáticos que participam da realização da relação semântica meronímica em Apurinã. Como também ocorre nas línguas examinadas por Klein (2000), em Apurinã há também uma forte relação entre inalienabilidade e meronímia, em que a maioria dos merônimos vem codificada sob a forma de nomes inalienáveis, muito embora haja alguns casos excepcionais que se comportam como nomes alienáveis.

Portanto, pode-se afirmar que, apesar do elevado grau de complexidade semântica, lexical e morfossintática envolvida nos usos dos merônimos em Apurinã, há também sistematicidade nesses usos nos vários domínios da língua. Isso justifica reunir e organizar os padrões utilizados pelos falantes no uso dos merônimos nessa língua na forma de um material ilustrado adaptado à sala de aula em escolas indígenas, como mais um instrumento de acesso a materiais linguísticos voltados para a valorização e consequente fortalecimento da língua Apurinã, visto que, nesse contexto escolar, a língua indígena ainda está bastante ausente e o português continua sendo a língua mais usada.

Pupŷkary Tywy, Takarena, Ĩthu Ykynypuku: um instrumento didático-pedagógico de valorização e fortalecimento da língua

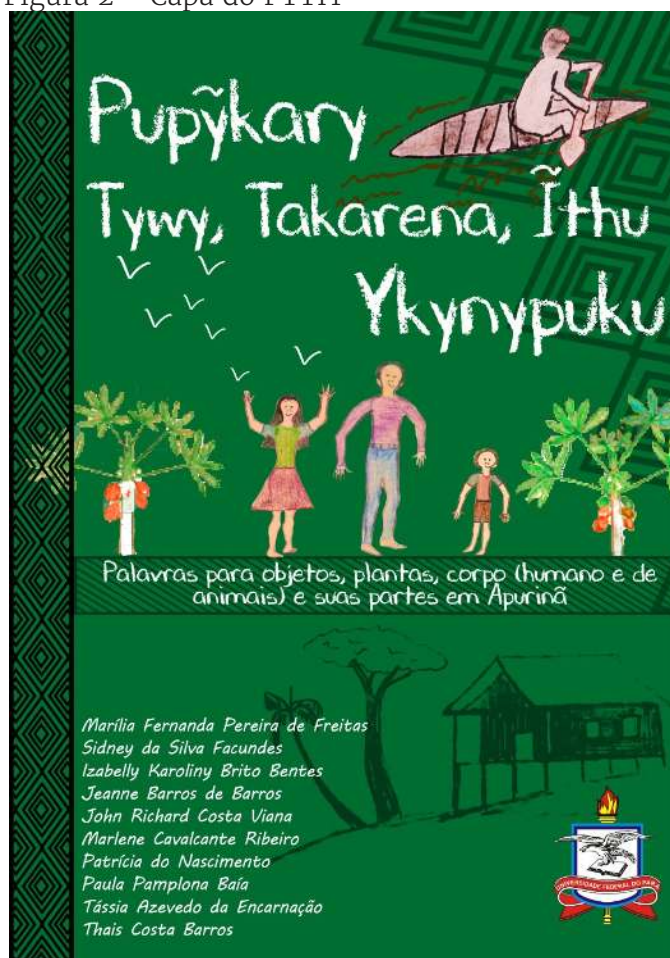
Facundes e sua equipe de pesquisa, ao longo de 30 anos de trabalho com o povo Apurinã, produziram, além de inúmeros artigos, monografias, teses e dissertações, vários materiais didáticos voltados para o ensino da língua (dicionários, diferentes versões de um livro de alfabetização, um livro de compreensão textual, bem como um caderno de atividades, entre outros)¹². Entretanto, não havia ainda entre os materiais voltados para o ensino da língua Apurinã nenhum que tratasse de tópicos gramaticais específicos, com uma linguagem acessível para um povo que está rapidamente perdendo sua própria língua. Um dos falantes de Apurinã, por várias vezes, reportou que pensava em ensinar sua língua aos mais jovens (que falam apenas português) a partir de campos semânticos, como, por exemplo, nomes de animais, plantas e partes do corpo. De fato, na visão tradicional dos Apurinã, sempre que falantes da língua começavam a ensiná-la a crianças ou jovens adultos, eles iniciavam por esses grupos semânticos, antes de ensinar pequenos comandos (ĩpurã papa ‘Vai buscar água!’; Amu anhipukuta ‘Vamos comer!’), frequentemente usados no cotidiano das comunidades Apurinã, em geral relacionados a atividades do dia a dia na comunidade. Portanto, dentro dessa cultura tradicional é comum selecionarem-se grupos semânticos do vocabulário e comandos que funcionam como construções (quase) formulaicas, nas fases iniciais do ensino da língua.

A ideia de elaborar o Pupŷkary Tywy, Takarena, Ĩthu Ykynypuku (PTTĩY), um material ilustrado e especificamente voltado para os merônimos, surgiu no âmbito de um projeto de pesquisa¹³ desenvolvido na Universidade Federal do Pará, envolvendo professores e orientandos de iniciação científica. Os itens lexicais utilizados no PTTĩY foram retirados de Facundes (2000), Freitas (2017) e Lima-Padovani (2020). O PTTĩY foi idealizado para ser publicado inicialmente em formato de e-book, dada a indisponibilidade atual de recursos financeiros para impressão do livro.

¹² Em Facundes *et al.* (2019), há uma historiografia sobre a produção de materiais voltados para o ensino da língua Apurinã, acompanhada de uma análise da contribuição dessas experiências para estratégias de valorização e fortalecimento das línguas minoritárias através da produção de materiais didáticos e ensino da língua nas escolas indígenas.

¹³ Projeto intitulado “Meronímia em Apurinã: relações parte/todo e (in)alienabilidade em construções nominais”, vigente de julho de 2019 a julho de 2021.

Figura 2 – Capa do PTTỸY

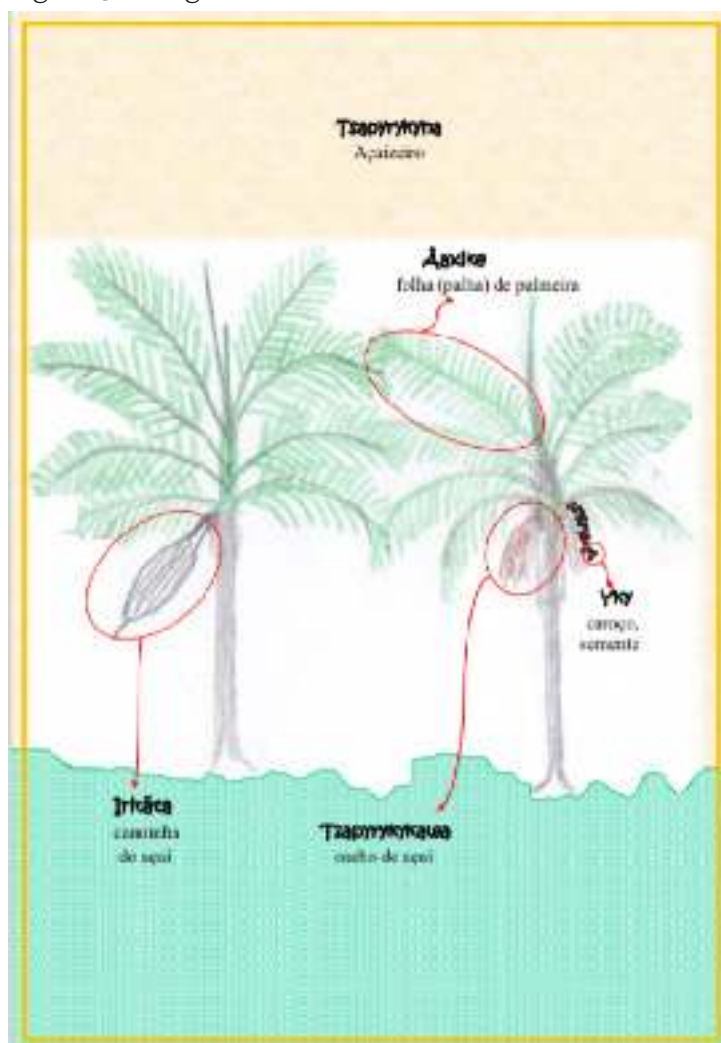


Fonte: Freitas et al. (no prelo).

Ao se optar pelo formato de *e-book* para o PTTỸY, buscou-se ampliar o alcance desse material, o qual poderá ser visualizado *off-line* em aparelhos celulares, que já são utilizados em algumas comunidades Apurinã, além de fornecer uma ferramenta de aprendizagem atrativa, de fácil compreensão e com linguagem acessível para ser usada nas escolas das comunidades Apurinã.

Do ponto de vista de sua constituição geral, o PTTỸY é composto de 63 páginas, priorizando um estilo mais informal, integrando imagem e palavra e incluindo adaptações digitais de desenhos feitos pelos próprios indígenas, conforme o exemplo que segue:

Figura 3 – Página do PTTÿY



Fonte: Freitas *et al.* (no prelo).

A seguir, descreve-se a estrutura e conteúdo do PTTÿY. Aqui, optou-se por iniciar a descrição das seções do material por sua parte mais central: o vocabulário ilustrado, muito embora, originalmente, essa parte venha em ordem posterior (última parte do material), em se tratando das seções que compõem o material didático elaborado. Isso foi feito tendo em vista que o vocabulário ilustrado corresponde à parte central do presente artigo, por isso optou-se por apresentá-lo primeiro.

i) Vocabulário ilustrado

Optou-se por usar o termo “vocabulário” para nomear essa seção, dado que ela apresenta cada termo meronímico seguido de sua única acepção semântica enquanto merônimo (embora, o mesmo termo possa ter outra acepção quando não usado como merônimo) e localizado na imagem como parte do seu holônimo.

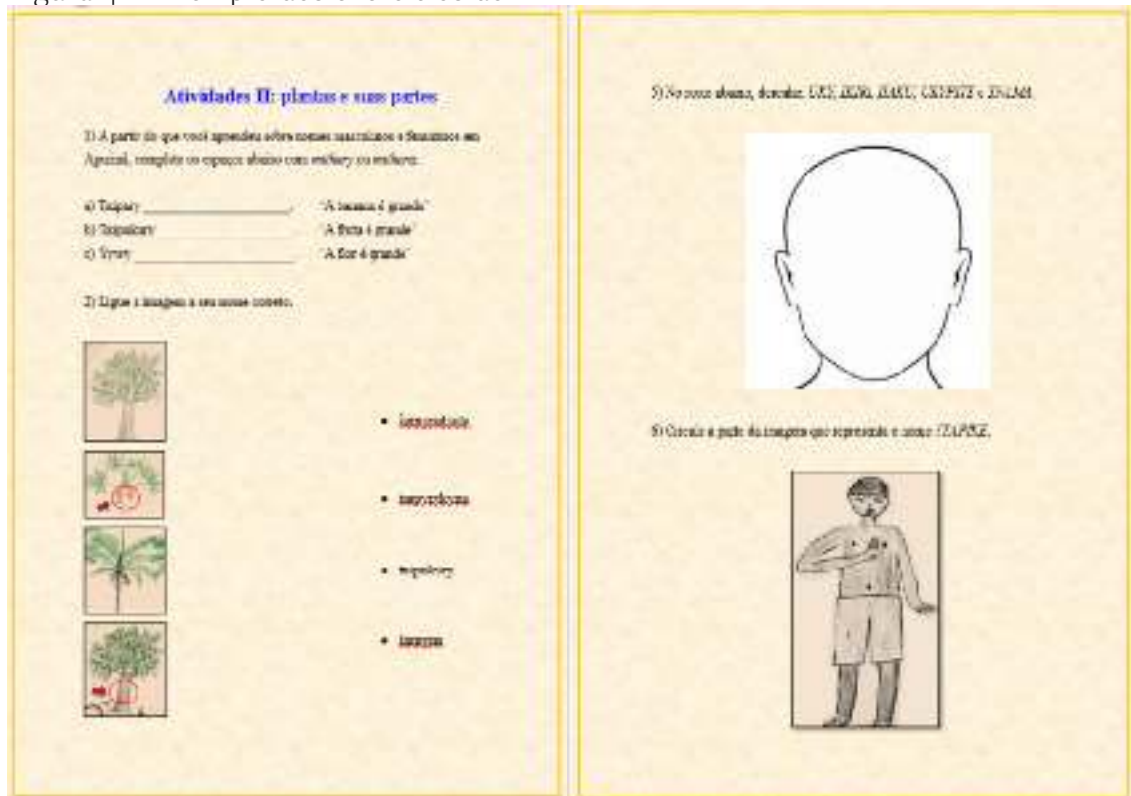
Não há qualquer outra informação no vocabulário sobre a pronúncia ou sobre a gramática desses termos, visto que o PTTŷY foi pensado para ser usado em níveis introdutórios de ensino da língua. O vocabulário ilustrado está dividido em três partes, cada uma sobre um tipo de relação meronímica: Parte I: Palavras para objetos e suas partes em Apurinã (por exemplo, *ãata ukyyna* ‘proa da canoa’; *xamynakykãkuta* ‘gatilho da espigarda’); Parte II: Palavras para plantas e suas partes em Apurinã (por exemplo, *txipukury* ‘fruta’; *ãakutsa* ‘raiz da árvore’); e Parte III: Palavras para o corpo (humano e de animais) e suas partes em Apurinã (por exemplo, *kywŷtxi* ‘cabeça’; *tapiketxi* ‘perna’). Esses três campos semânticos foram selecionados tendo em vista atender uma demanda dos próprios professores e intelectuais Apurinã que, ao longo de várias interações, manifestaram sua opinião sobre como poderia se dar o ensino da língua para os mais jovens (cuja maioria já não fala mais a língua), a partir de conceitos mais elementares e próximos de sua realidade, por exemplo, plantas, animais, partes do corpo.

Vale ressaltar que no PTTŷY não há uma definição técnica da noção de meronímia, há, em lugar disso, a menção às “partes” dos conceitos apresentados no material (objetos, plantas e corpo). Optou-se por isso, a fim de prestigiar não questões terminológicas, mas sim questões ligadas ao ensino/aprenizagem do léxico da língua, sem a preocupação com uma metalinguagem técnica.

Após a apresentação ilustrada de cada holônimo e seus merônimos, há duas listas dos merônimos em ordem alfabética (uma em Apurinã–português, outra português–Apurinã). Em seguida, há as atividades e os exercícios sobre os merônimos apresentados, elaborados com o fim de auxiliar na compreensão e fixação dos itens lexicais apresentados. Essa estrutura se reproduz para cada uma das três partes do vocabulário ilustrado.

A seguir, têm-se exemplos dos exercícios elaborados, que privilegiam a compreensão dos itens lexicais trabalhados em cada parte do vocabulário, envolvendo palavras e imagens:

Figura 4 – Exemplo dos exercícios do PTTÏY

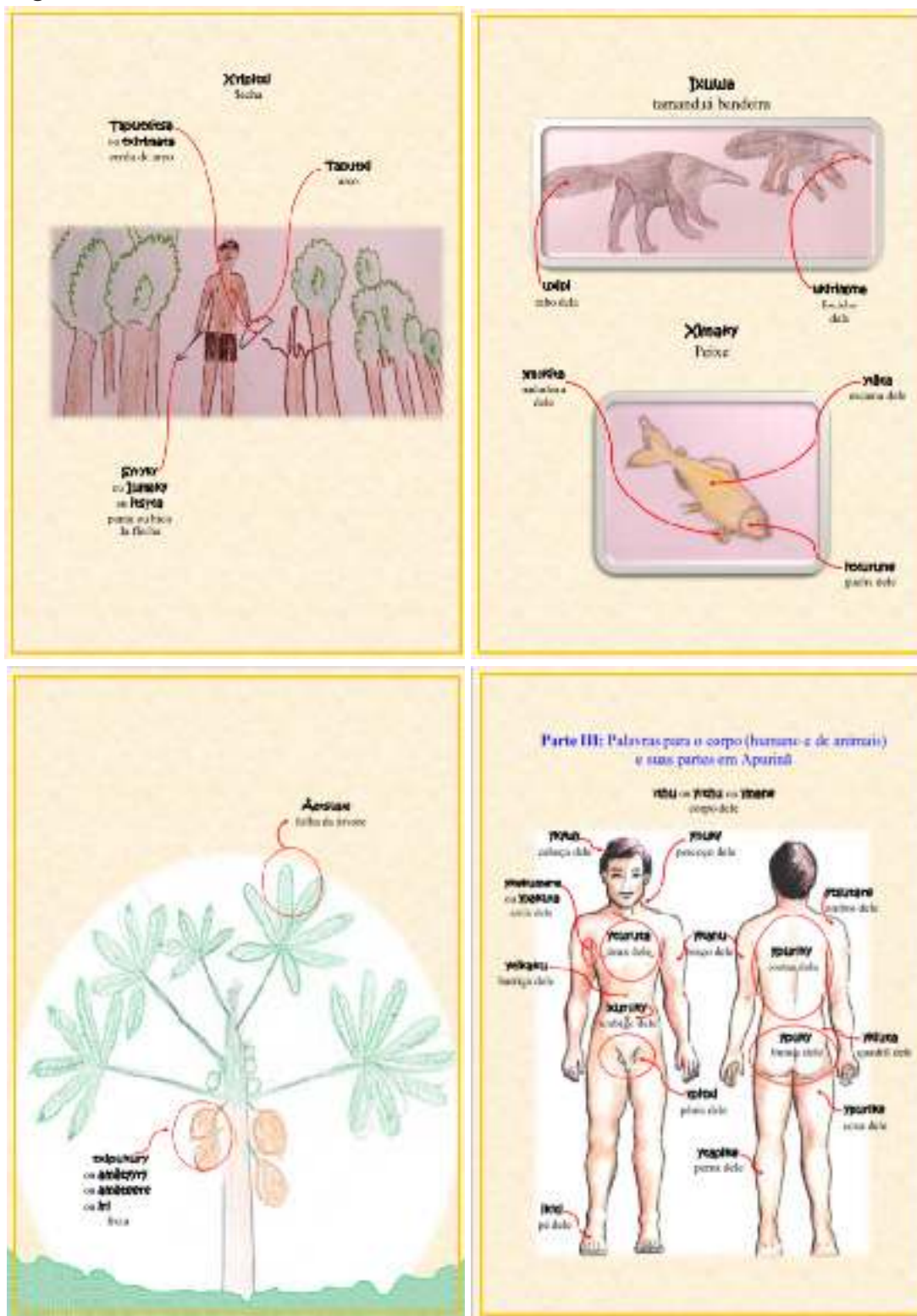


Fonte: Freitas *et al.* (no prelo).

Embora seja possível pensar numa classificação que incluísse outros tipos de merônimos e seus holônimos, a exemplo de porções de massas homogêneas (homeomerônimos) como “massa de mandioca”, optou-se por incluir no PTTY apenas os merônimos prototípicos e, portanto, prontamente identificáveis no nível inicial de ensino da língua Apurinã em sala de aula.

A seguir, uma amostra do que consta no vocabulário ilustrado:

Figura 5 – Amostra do vocabulário ilustrado



Fonte: Freitas *et al.* (no prelo).

ii) Prefácio

Nesse prefácio, Valdimiro Apurinã, um dos conhecedores da língua e cultura apurinã mais respeitados entre as lideranças de tal

grupo indígena, escreve sobre a importância da língua para a cultura e história do povo e da relevância do livro para despertar um interesse maior nos jovens por elas. Essa apresentação foi escrita em Apurinã e em português.

iii) Apresentação

Nessa parte, os autores descrevem os objetivos do livro, suas características, o público alvo do material, sua organização e conteúdo.

iv) Quem são os Apurinã?

Essa seção sintetiza informações importantes sobre o papel da língua, da história e dos costumes tradicionais na formação da identidade apurinã, tendo por objetivo colocar o conteúdo do PTTÏY diante da perspectiva linguística, histórica e cultural da etnia apurinã. Com isso, espera-se estimular a apropriação do livro pelas comunidades apurinã, vendo-o menos como um objeto externo à sua sociedade tradicional, e mais como uma ponte entre o conhecimento tradicional oral transmitido por gerações e um mundo moderno, com alguns instrumentos tecnológicos que possam ser usados pelos Apurinã, em benefício de sua coletividade linguística, histórica e cultural.

De fato, a cultura e a história do povo apurinã está imbricada no vocabulário Apurinã. Ser apurinã não se resume a ser *kãkyty* ‘gente’, tampouco ser *pupÿkary* ‘Apurinã’. Um *pupÿkary* pode pertencer ao clã *ymynywakury* ‘povo da cobra’, *kaikyrywakury* ‘povo do jacaré’, ou a outro clã, sendo, contudo, todos *pupÿkary*, independentemente do clã a que se pertença. Pertencendo a qualquer um desses clãs, o *pupÿkary* pertencerá também a uma das duas metades de *pupÿkary* (*xiwapurynyry* ou *meetymanety*). Sendo *meetymanety*, ele terá um nome próprio que terá recebido dos pais, sendo *xiwapurynyry*, ele receberá outro nome próprio; ou seja, o nome próprio que um indivíduo recebe é determinado pela metade a qual ele pertence. Além disso, quem pertence à metade *xiwapurynyry* pode comer *merity*, ‘porco caititu’, mas não pode comer *iũku*, ‘nambu galinha’.

Em relação à história dos Apurinã, pode-se ver como a variação lexical e os neologismos refletem eventos da grande migração que deu forma ao estado atual do espalhamento geográfico das comunidades. Migrações mais antigas possibilitaram o surgimento de neologismos como *kÿpatykÿã* vs. *kapëe* para ‘café’, em que o primeiro é baseado em processos metafóricos internos e comumente presentes na língua

e o segundo é baseado na adaptação de um empréstimo da língua portuguesa. Tais variantes ilustram os diferentes momentos históricos em que essas comunidades tiveram contato com o português.

Esses são apenas alguns dos inúmeros exemplos em que o vocabulário da língua Apurinã reflete informações sobre a organização social, sobre os costumes e conhecimentos tradicionais e sobre a formação histórica do povo Apurinã. Tais informações ilustram como o vocabulário dessa língua pode ser explorado em instrumentos e dinâmicas didático-pedagógicas não apenas para o trabalho de ensino da língua nas escolas indígenas, mas também para reflexões e debates sobre temas relacionados aos costumes tradicionais e à história do povo apurinã, tudo isso como estratégia de valorização e fortalecimento de seus elementos identitários.

v) As escolas Apurinã

A seção justifica-se como forma de contextualizar o livro como um material didático-pedagógico a ser usado como instrumento auxiliar nos níveis mais básicos de ensino da língua na escola. Um breve panorama acerca da história de implementação das escolas nas comunidades Apurinã é apresentado, colocando o livro como mais uma conquista das comunidades no desafio de buscar meios de valorizar e fortalecer a língua e o conhecimento tradicional do povo.

A escola é um elemento relativamente novo no universo apurinã e costuma ser vista como um símbolo da sociedade hegemônica dentro das comunidades indígenas, cuja finalidade principal tem sido trazer para dentro da comunidade conhecimentos de uma sociedade externa. Esse conhecimento exterior, muitas vezes, é visto como algo que deve substituir o conhecimento tradicional acumulado em centenas de anos e transmitido de uma geração para outra oralmente. E, de fato, é isso o que acontece, geralmente.

Em contraposição a essa realidade, materiais como o PTTĩY têm como objetivo abrir a escola Apurinã para o conhecimento tradicional, especialmente aquele que pode ser trabalhado através da língua. Dessa forma, a língua, a cultura e a história apurinã terão os seus espaços assegurados nas escolas, para que a escola sirva também como um lugar de respeito, estímulo, valorização e fortalecimento dos elementos identitários dos Apurinã. Pelas razões citadas na seção anterior, acredita-se que materiais como o PTTĩY têm o potencial de contribuir para a ressignificação da escola indígena Apurinã.

vi) O alfabeto Apurinã

As informações sobre o alfabeto Apurinã apresentadas no PTTIY visam a permitir ao consulente ler e pronunciar corretamente cada palavra em Apurinã. Nessa seção, são apresentados os inventários vocálico e consonantal da língua, utilizando ilustrações, conforme a figura abaixo:

Figura 6 – Amostra do alfabeto Apurinã



Fonte: Freitas *et al.* (no prelo).

O uso de uma imagem associada a uma letra é uma estratégia comumente usada em outras línguas e que contribui tanto para a identificação da relação biunívoca entre a forma ortográfica e o som que ela representa, quanto para a memorização dessa pronúncia. Um exemplo disso é a língua tailandesa, em que a criança aprende cada letra (no caso, cada *script*) associada à imagem de um objeto/pessoa/animal em particular cujo nome contém essa letra¹⁴. As informações nessa seção são importantes, pois os consulentes que farão uso do PTTIY apresentam graus variados de domínio da escrita, sendo que poucos ainda leem fluentemente em Apurinã e muitos recebem forte influência do alfabeto da língua portuguesa.

¹⁴ Essa informação baseia-se na experiência profissional e pessoal de um dos autores, no tempo em que viveu e trabalhou na Tailândia.

Foi exatamente essa forte influência da escrita do português na leitura em Apurinã que causou as mudanças no sistema grafemático inicialmente proposto em Facundes (1994, 2000, 2002) para o Apurinã, pois os leitores frequentemente pronunciavam as palavras seguindo as convenções do alfabeto do português, não do Apurinã. Em função disso, é importante destacar as distinções de qualidade vocálica, nasalidade vocálica e prolongamento vocálico, assim como as distinções consonantais da língua, de modo a compreendê-los dentro do inventário fonológico da língua Apurinã. Fazendo isso de forma sistemática, fica fácil perceber que a letra “y” é usada para escrever a única vogal em Apurinã que não existe em português, e que “ts”, “tx”, “th” representam as únicas consoantes de Apurinã que não fazem parte do inventário consonantal do português.

vii) Os nomes (substantivos) em Apurinã

Nessa seção do *PTTŷY*, a classe gramatical dos nomes na língua Apurinã é definida em termos morfossintáticos, em que são descritos o gênero, o número e as construções de posse nominal.

A língua Apurinã apresenta marcação morfológica de gênero masculino, *-ry*, e feminino, *-ru*, como em *ãtakury* ‘rapaz’/ *ãtakuru* ‘moça’, muito embora haja também marcação lexical de gênero, em que se deve memorizar se um nome é feminino ou masculino, como em *kekutxi* ‘rede’ e *ãata* ‘canoa tradicional’, por exemplo. Nesses casos, é possível verificar o gênero ao se acrescentar um verbo descritivo ao nome, como em *kekutxi mithary* ‘rede grande’ e *ãata mitharu* ‘canoa grande’.

O número plural em Apurinã se dá pelo acréscimo do sufixo *-waku*, para se referir a seres humanos, seguido do gênero *-ry* ou *-ru*, como em *sytuwakuru* ‘mulheres’ e *kykywakury* ‘homens’; ou pelo acréscimo do sufixo *-ny*, pra se referir a pessoas ou seres inanimados, também seguido da marcação de gênero, como em *sytunyruru* ‘mulheres’ ou *aikunyruru* ‘casas’.

Sobre a marcação de posse, são apresentados os padrões de marcação morfológica de nomes alienáveis e inalienáveis, conforme descrito em seção anterior deste artigo.

Buscou-se, nessa seção do *PTTŷY*, utilizar uma linguagem bastante acessível, evitando-se metalinguagem técnica, conforme exemplo abaixo:

Figura 7 – Amostra da seção “Os nomes (substantivos) em Apurinã”

Lista 1		Lista 2	
ʔtakuru	‘moça’	ʔtakury	‘rapaz’
pupýkaru	‘indio Apurinã’	pupýkary	‘indio Apurinã’
nhitharu	‘minha irmã’	nhithary	‘meu irmão’

O que as palavras da lista 1 têm em comum? E as palavras da lista 2, o que têm em comum? Podemos ver que todas as palavras da lista 1 terminam com **ru**, enquanto que as da lista 2 terminam com **ry**. Então, podemos perceber que a terminação **ru** ocorre com certas palavras femininas da língua Apurinã; já a terminação **ry** ocorre com certas palavras masculinas em Apurinã.

Fonte: Freitas *et al.* (no prelo).

viii) Variação nas palavras em Apurinã

O tema da variação é tão importante na construção do glossário ilustrado apurinã, quanto tem sido na construção do dicionário apurinã (em fase final de elaboração). Até cerca de 10 anos atrás, os Apurinã pouco se manifestavam sobre diferenças na fala entre as comunidades. No entanto, logo que a língua começou a ser representada na forma escrita, começaram a surgir vários comentários sobre o que era o “certo” ou o “errado” na maneira de falar.

Enquanto o uso da língua se dava apenas na modalidade oral, as diferenças dialetais e geracionais existiam sem um julgamento de valor sobre elas. Após a produção dos primeiros materiais, isso mudou, e cada um passou a defender que as formas usadas “pelos meus pais e avós” fossem usadas nos materiais escritos. Somente depois de alguns anos de reuniões e oficinas sobre o ensino da língua em várias comunidades apurinã, com suas lideranças e professores indígenas, os Apurinã, em certa medida, passaram a aceitar que a variação era algo inerente à formação linguística e sócio-cultural de seu povo e, portanto, parte de sua herança linguística, social, cultural e histórica. Foi a partir disso que todos os materiais na língua Apurinã produzidos desde então passaram a contemplar, na medida do possível, as diferentes variedades da língua.

O PTTÏY ora apresentado busca seguir essa mesma orientação, representando, tanto quanto possível, a diversidade sociolinguística da sociedade apurinã. É importante notar, contudo, que isso só é

possível hoje após a realização de três pesquisas que sistematizaram o conhecimento sobre as principais características das distintas variedades Apurinã, nomeadamente Lima–Padovani (2020, 2016) e Pereira (2007).

Assim, justifica-se, portanto, essa seção no PTTỸ, em que é apresentado um panorama sobre as diferentes formas de falar a língua, por conta da variação decorrente de fatores diatópicos, etários, entre outros.

A partir do exposto nesta seção, foi possível oferecer uma visão panorâmica acerca do vocabulário ilustrado do PTTỸ, que priorizou um *design* mais intuitivo e menos técnico, tanto por visar a ter um efetivo alcance entre os Apurinã, de diferentes faixas etárias e diferentes níveis de fluência na língua, quanto por pretender ser um material de consulta rápida, de fácil manuseio, para ser acessado, principalmente, em aparelhos celulares, já bastante presentes em algumas comunidades Apurinã.

Considerações Finais

O fenômeno da meronímia em Apurinã é analisado neste trabalho, com o exame de sua relação com a (in)alienabilidade. Com base no conhecimento adquirido sobre o assunto, foi concebido e elaborado um material lexicográfico e didático-pedagógico, voltado para o ensino inicial da língua Apurinã nas escolas indígenas.

Os resultados indicam que os merônimos em Apurinã seguem, em sua maioria, o padrão de marcação de posse inalienável, marcado pela justaposição do holônimo/possuidor-merônimo/possuído, nessa ordem. Nos casos em que uma mesma forma pode ser usada como nome alienável ou inalienável, tal forma será interpretada como merônimo somente quando marcada gramaticalmente como nome inalienável.

Observou-se a pertinência de utilizar o conhecimento sobre os merônimos na língua apurinã para o seu ensino nos níveis iniciais nas escolas indígenas, o que deu origem ao livro ilustrado *Pupŷkary Tywy, Takarena, ĩthu Ykynypuku*: partes de objeto, plantas e do corpo em apurinã. Finalmente, foi demonstrado como o vocabulário da língua oferece informações não apenas linguísticas, mas também informações sobre os costumes tradicionais, a organização social, e sobre a história dos Apurinã, potencializando atividades em sala de aula que possam contribuir para a valorização e o fortalecimento desses importantes elementos identitários entre os Apurinã.

Referências

BRANDÃO, Ana Paula Barros. **Dicionário de Fauna e Flora Apurinã**. Belém, Pará: Universidade Federal do Pará, 2006 (Trabalho de Conclusão de Curso).

CRUSE, Alan. **Meaning in Language**: an introduction to Semantics and Pragmatics. 3rd edition. Oxford: Oxford University Press, 2011.

FACUNDES, Sidney da Silva. **Noun Categorization in Apurinã (Maipuran)**. Oregon, Eugene: University of Oregon (dissertação de mestrado), 1994.

FACUNDES, Sidney da Silva. **Possession and Unpossession in Apurinã (Maipuran)**. In: LSA Parassession: Languages South of Rio Bravo. Nova Orleans. Conference Proceedings of LSA Parassession: Languages South of Rio Bravo, 1995.

FACUNDES, Sidney da Silva. **The Language of The Apurinã People of Brazil (Maipure/Arawak)**. Nova York, Bufalo: Faculty of the Graduate School of State University of New York at Buffalo (Tese de Doutorado), 2000.

FACUNDES, Sidney da Silva. **Notas sobre a Elaboração de Ortografias para Línguas sem Tradição Escrita**. In: Célia Brito; Elizabeth Reis Teixeira. (Org.). Aquisição e Ensino e Aprendizagem do Português. 1ed. – Belém: EdUFPA, 2002, pp. 27–36.

FACUNDES, Sidney da Silva; VIRTANEN, Pirjo Kristine; FREITAS, Marília Fernanda Pereira de; Lima-Padovani, Bruna Fernanda de; COSTA, Patrícia Nascimento. **Language Revitalization and Engagements in the Amazon: The Case of Apurinã**. In: Handbook of the Changing World Language Map.1 ed. Cham: Springer, 2019, v.1, p. 1–17.

FREITAS, Marília Fernanda Pereira de. **A Posse em Apurinã**: descrição de construções atributivas e predicativas em comparação com outras línguas Aruák. Belém: Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Pará (Tese de Doutorado), 2017.

FREITAS, Marília Fernanda Pereira de; FACUNDES, Sidney da Silva; BARROS, J. B. de; BENTES, I. K. B.; VIANA, J. R. C.; RIBEIRO, M. C.; BAÍA, P. P.; ENCARNACÃO, T. A. da; BARROS, T. C.; NASCIMENTO, P. do. **Pupŷkary Tywy, Takarena, Īthu Ykynypuku**: palavras para objetos, plantas, corpo e suas partes em Apurinã. 1ª ed. – Universidade Federal do Pará – Belém, Pará, 63 p. (no prelo).

KLEIN, Harriet E. Manelis. **Meronymy or Part-Whole Relations in Indigenous Languages of Lowland South America**. In: VOORT, Hein van der; KERKE, Simon van de (eds.). Indigenous Languages of Lowland South America [Indigenous Languages of Latin America, 1]. Leiden: Research School of Asian, African, and Amerindian Studies (CNWS), pp. 83–98, 2000. Disponível em: <https://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download?doi=10.1.1.454.1425&rep=rep1&type=pdf>. Acesso em: 31 ago 2020.

LIMA-PADOVANI, Bruna Fernanda Soares de. **Levantamento Sociolinguístico do Léxico Apurinã e sua Contribuição para o Conhecimento da Cultura e História Apurinã**. Dissertação (Mestrado em Letras: Linguística e Teoria Literária) – Universidade Federal do Pará, 2016.

LIMA-PADOVANI, Bruna Fernanda Soares de. **Estudo do Léxico da Língua Apurinã**: uma proposta de macro e micro estrutura para o dicionário Apurinã. Belém: Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Pará (Tese de Doutorado), 2020.

PAYNE, David L. **Classification of Maipuran (Arawakan) Languages Based on Shared Lexical Retentions**. In: DERBYSHIRE, D. C.; PULLUM, G. K. *Handbook of Amazonian Languages*. [S.l.:s.n.], 1991, p. 355–499. v. 3.

PEREIRA, Érica Lúcia Barreto. **Estudo das Variedades da Língua Apurinã**. Dissertação (Mestrado em Letras: Lingüística e Teoria Literária) – Universidade Federal do Pará, 2007.

STASSEN, Leon. **Predicative Possession**. New York: Oxford University Press, 2009.